

XI Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía

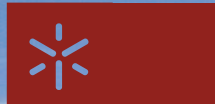
www.udc.es/congresos/psicopedagogia

SEDE: Facultade de Ciencias da
Educación Campus de Elviña
Universidade da Coruña

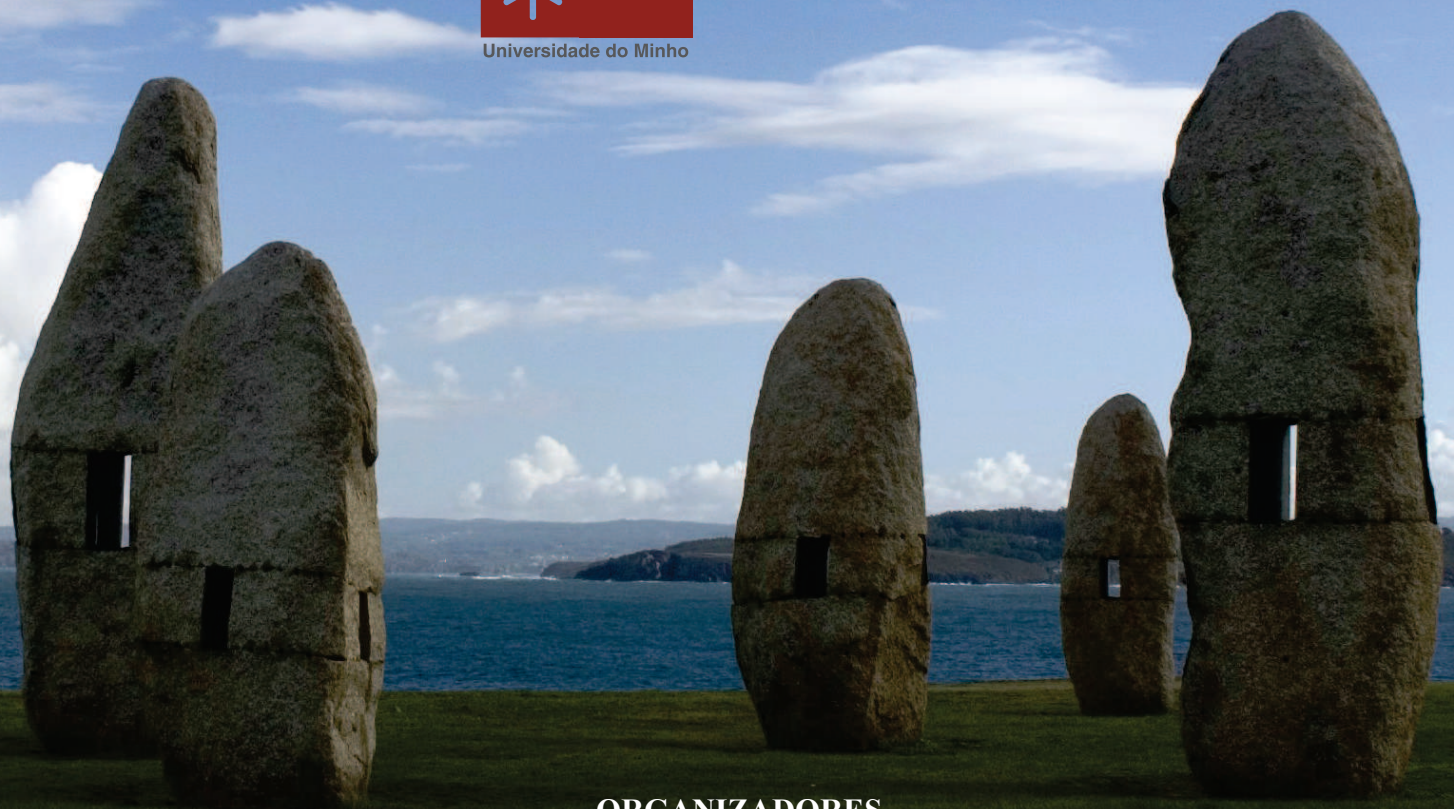
DATA: 7, 8 e 9 de setembro de 2011



UNIVERSIDADE DA CORUÑA



Universidade do Minho



ORGANIZADORES

**Alfonso Barca Lozano, Manuel Peralbo Uzquiano, Ana Porto Rioboo,
Juan Carlos Brenlla Blanco, Bento Duarte da Silva, Leandro S. Almeida**

A (DES)MOTIVAÇÃO NA ACTIVIDADE DOCENTE: PERSPECTIVAS DE DOCENTES DO ENSINO SECUNDÁRIO, DAS ÁREAS DISCIPLINARES DE MATEMÁTICA E EDUCAÇÃO FÍSICA.

Andreia Sofia Ramos Araújo

Universidade Portucalense Infante D. Henrique – Portugal

andreia_s_araujo@hotmail.com

Filipa Barreto de Seabra

Universidade Aberta – Portugal

fseabra@univ-ab.pt

Resumo:

Os problemas relativos à profissão docente constituem uma preocupação constante de todos os profissionais, pelo que, os agentes de (des)motivação e causadores de stress e mal-estar docente no trabalho são objecto de estudo, com importância reconhecida por diversos investigadores.

Esta comunicação reporta parcialmente resultados de uma dissertação de mestrado em curso, cujo objectivo é conhecer alguns dos factores envolvidos na (des)motivação e (in)satisfação profissional. Apresentamos resultados preliminares de um inquérito por questionário que avalia as dimensões empenhamento profissional; valor das metas; expectativa de sucesso; motivação intrínseca; expectativa de eficácia; atribuição – sucessos (locus/ estabilidade) e atribuição – fracassos (locus/ estabilidade) (Jesus, 1996).

1.Introdução:

É difícil a compreensão do complexo processo motivacional, dada a grande amplitude do tema e elevadas limitações, no que diz respeito ao estudo do comportamento humano.

“Têm sido levantados dois problemas relativamente à utilização do conceito de motivação: por um lado, a motivação é um termo do senso comum, usado de forma simplista, sendo frequentemente confundidas as noções de motivo, intenção, desejo, expectativa, tendência, impulso, necessidade, vontade, etc.; por outro lado, a motivação é um termo utilizado, em diversos domínios e por diversas teorias em Psicologia, muitas vezes de forma ambígua, vaga ou tendo diferentes significados” (Jesus,1996:75).

Ser professor implica, hoje, trabalho colectivo e individual, fazer escolhas, criar sentidos, transformar e deixar-se transformar. Ser professor contribui, forçosamente, para a formação de pessoas críticas e comprometidas com seu tempo, pelo que é indispensável encontrar uma resposta que contemple uma reflexão crítica e reflexiva da própria acção educativa. Como refere Teixeira, (1995: 5) “de entre as

organizações que estruturam a nossa sociedade, a organização escola é uma das mais relevantes já que, de alguma maneira, irá ter influência sobre todas as outras”.

Durante muito tempo a escola foi um espaço de transmissão de saber a que poucos tinham acesso, sendo o professor a peça fundamental na educação, detentor de uma sabedoria enciclopédica praticamente inquestionável.

Com a massificação muitos alunos frequentam a escola, encarando-a como uma obrigação, manifestando desinteresse, traduzido frequentemente em comportamentos que dificultam a actividade do professor na sala de aula. Situações consideradas intoleráveis, como por exemplo a violência, fazem hoje parte do quotidiano de muitas escolas.

“Na nossa sociedade, uma sociedade dita complexa, onde o holismo deu lugar à diversidade, onde a cultura harmoniosa das comunidades fechadas sobre si próprias deu lugar à heterogeneidade, os sistemas educativos vêem-se confrontados com o imperativo de saberem gerir (e prever esses mecanismos) diferentes saberes, valores, representações, expectativas, formas de agir e, como tal, diferentes estilos cognitivos” (Vieira, 1995:127).

As constantes mudanças que ocorreram de forma célere nos últimos anos, levam a que muitos professores se sintam desajustados face às novas exigências sociais e profissionais com que são confrontados. Assim, os professores sentem-se desconfortáveis e frustrados, interrogando-se sobre qual o seu papel nesta escola. Hargreaves (1998,4) simplifica o sentido das pressões na profissão docente da seguinte forma:

“Em primeiro lugar, o papel do professor expande-se e assume novos problemas e requisitos. Em segundo lugar, as inovações multiplicam-se, à medida que a mudança acelera, criando sentimentos de sobrecarga entre os professores e os directores das escolas que são responsáveis pela sua implementação. São impostas cada vez mais mudanças e os prazos-limite para a sua implementação são truncados. Em terceiro lugar, o colapso das certezas morais, as antigas missões e desígnios começam a desagregar-se, mas existem poucos substitutos óbvios para o seu lugar. Em quarto lugar, os métodos e as estratégias utilizadas pelos professores, assim como a base de conhecimento que os justificasse constantemente criticados – mesmo entre os próprios educadores – à medida que as certezas científicas perdem a sua credibilidade”.

Como refere Truch (1980), o ensino constitui uma actividade extremamente exigente, gerando níveis de stress superiores a outras profissões onde este fenómeno é habitualmente observado (ex: controladores aéreos, médicos cirurgiões, etc.).

A profissão de professor é daquelas em que ocorrem mais situações de stress profissional, sendo inclusivamente considerada profissão de risco pela Organização Internacional do Trabalho (1981).

Tendo em conta que no passado os professores não apresentavam níveis de stress superior aos verificados noutros grupos profissionais convém tentar compreender o porquê desta situação na actualidade.

Este trabalho visa descobrir os factores que motivam e desmotivam os professores neste clima de adversidades que assola as nossas escolas. Para além de tentar observar e perceber as causas do mal-estar docente, pois, hoje, ser professor implica assumir uma profissão que na conjugação das exigências e imposições implicadas na sua natureza, metodologia e objectivos, se tornou, pelo atrás exposto, uma profissão excessivamente stressante e desgastante.

Toffler (1972), caracteriza de desastrosas as tensões e desorientações que provocam nos indivíduos ao obrigá-los a uma mudança excessiva num lapso de tempo demasiado curto; a fim de sobreviver para evitar o choque do futuro, o indivíduo deve tornar-se infinitamente mais adaptável.

Os problemas relativos à profissão docente constituem uma preocupação constante de todos os profissionais, pelo que, os agentes de (des)motivação e causadores de stress e mal-estar docente no trabalho são objecto de estudo, com importância reconhecida pelos investigadores e pelos próprios docentes.

Jesus (1996:78) considera que:

“no estado actual dos conhecimentos, no domínio da Psicologia da Motivação, mais do que criar novas teorias, deve procurar-se investigar com base nas teorias existentes, tentando aproveitar os contributos específicos de cada uma delas, num quadro teórico coerente mais global. Aliás, este parece ser o percurso seguido actualmente pelos investigadores no domínio da Psicologia da Motivação”.

Ao reflectir sobre ser professor no contexto da sociedade contemporânea, percebe-se que as profundas transformações alteram significativamente o quotidiano do trabalho docente. Os professores de hoje encontram limites no desempenho da sua função, devido às constantes alterações; à acumulação de exigências sobre o professor; à falta de recursos materiais e às deficitárias condições de trabalho. No entanto, os problemas que angustiam os professores não são algo novo, nem original, encontram-se relacionados com o desenvolvimento histórico e com a contínua problemática da desvalorização desta profissão.

Segundo Marujo (1999:19)

“a exaustão dos professores se deve à exposição prolongada a condições negativas e stressantes, que incluem desgaste físico e emocional (turmas grandes, alunos muito diversos nos ritmos, capacidades e motivações para a aprendizagem, problemas de comportamento e disciplina, horários prolongados, falta de condições físicas, desvalorização vinda dos colegas e dos encarregados de educação, violência, pressão para cumprir currículos), remuneração não adequada, ausência de boa formação contínua, despersonalização e falta de realização profissional”.

O quadro de instabilidade, em que vivemos, pode caracterizar-se por uma crise de motivações profissionais. Diversos factores têm contribuído para a diminuição da motivação profissional, pelo que, esta crise não pode ser encarada como um falha desta geração. Segundo Lévy-Leboyer (1994: 138) “a motivação não é nem uma qualidade individual, nem uma característica do trabalho: não existem indivíduos que estejam sempre motivados nem cargos igualmente motivadores para todos”. Na mesma linha de pensamento, Bergamini (1997:27) afirma que “não existe o pequeno gênio da motivação que transforma cada um de nós em trabalhador zeloso ou nos condena a ser o pior dos preguiçosos. Em realidade, a desmotivação não é nenhum defeito de uma geração, nem uma qualidade pessoal, pois ela está ligada a situações específicas”

A motivação pressupõe satisfazer uma carência, o que provoca nos indivíduos uma procura, de forma a suprir essa necessidade. No entanto, e como refere Ferguson (1976:3) “Motivação, como muitos outros conceitos na psicologia, não é facilmente delimitado... Inferimos que 'uma pessoa está motivada' com base em comportamentos específicos que a pessoa manifesta ou com base em eventos específicos que observamos estarem ocorrendo”.

A condição de motivação para o trabalho deveria ser o próprio trabalho e o seu significado. E significado, neste caso, alvitra, principalmente, o sentimento de utilidade que se sente ao trabalhar. O trabalho provido de significado acarreta, sobretudo, vontade de realizá-lo.

A motivação resulta, também, do modo como cada pessoa concebe a relação entre o trabalho que executa e aquilo que o trabalho traz em troca, como reconhecimento ou prestígio, por exemplo. Quando essa relação não é evidente, o trabalho pode não ser motivador.

Segundo Vroom (1964:162) “assume-se que a satisfação que o indivíduo retira do seu trabalho, ou mais precisamente a valência do papel profissional para quem o ocupa, é função não só das características objectivas do trabalho, mas também dos motivos, expectativas e valores do indivíduo”.

A motivação dos professores poderá advir de factores extrínsecos, como salário ou reconhecimento profissional, ou de factores intrínsecos, como a sua realização pessoal. Quanto mais motivado estiver o professor, melhor será o seu desempenho em proveito das aprendizagens dos alunos. No entanto, assiste-se actualmente a uma constante desvalorização desta profissão e, conseqüentemente, deste profissional. Pelo que, a sua motivação e desempenho estão debilitados.

A importância do papel dos docentes é referida por Santomé (1993) quando refere que uma das causas de discriminação no ensino é a desmotivação da classe docente, que gradualmente se tem vindo a alhear do seu papel, devido a uma série de condicionantes externas, alheias à sua vontade, vencendo-os pelo cansaço de forma a servirem interesses políticos dominantes.

O professor, no exercício de sua profissão necessita de saber dominar e mobilizar os saberes. Segundo Roldão (2007:102) “saber produzir essa mediação não é um dom, embora alguns o tenham, não é uma técnica, embora requer uma excelente operacionalização técnico-estratégica, não é uma vocação, embora

alguns a possam sentir. É ser um profissional de ensino, legitimado por um conhecimento específico exigente e complexo”.

Perante as implicações, tensões e conflitos que permeiam a função docente, pode, exageradamente, prevalecer uma análise que sobrevaloriza os aspectos mais negativos da profissão, descuidando, frequentemente, que há inúmeros professores, provavelmente a grande maioria, que são felizes no exercício da sua actividade profissional.

Muitos professores conseguem reagir positivamente às dificuldades profissionais, acarretadas pela mudança acelerada da sociedade, desenvolvendo bem-estar docente.

Segundo Jesus (2002) “o conceito de bem-estar docente pretende traduzir a motivação e a realização do professor, em virtude do conjunto de competências e de estratégias que este desenvolve para conseguir fazer face às exigências e dificuldades profissionais, superando-as e otimizando o seu próprio funcionamento”.

Metodologia:

É objectivo, primeiro, deste trabalho conhecer alguns dos factores envolvidos na (des)motivação e (in)satisfação profissional. A contribuição que se espera é entender as relações entre motivação, desmotivação, satisfação, insatisfação, bem-estar e mal-estar docente.

Assim os objectivos específicos do trabalho são os que a seguir se apresentam:

- Conhecer os factores envolvidos na (des)motivação e (in)satisfação profissional;
- Entender as relações entre motivação, desmotivação, satisfação, insatisfação, bem-estar e mal-estar docente;
- Analisar os actuais níveis de stress na profissão docente, co-relacionando-os com os níveis de (in)satisfação.

Não é pretendida uma completa compreensão do complexo processo motivacional, dada a grande amplitude do tema e elevadas limitações, no que diz respeito ao estudo do comportamento humano.

No estudo efectuado, centramos a nossa atenção sobre o contexto do ensino secundário, uma vez que este é o nível no qual desenvolvemos a nossa prática profissional.

A recolha de dados para o estudo basear-se-á na combinação dos resultados de um inquérito por questionário e de um inquérito por entrevista.

O questionário pretende medir os níveis de satisfação e stress na actividade docente. Serão aplicados, cerca de cem inquéritos, a professores do Ensino Secundário, de escolas públicas de sete concelhos do norte de Portugal.

Elegemos os professores das disciplinas de Matemática e Educação Física como alvo do nosso estudo devido a dois aspectos. A escolha da disciplina de Matemática prende-se com factores de ordem pessoal, mas também por ser a disciplina “mal-amada” pela maioria dos alunos.

Um estudo elaborado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) sobre a aprendizagem da Matemática em diferentes sistemas educativos de vários países, revela que em Portugal o sucesso desta disciplina ainda está muito aquém da média dos alunos dos países da OCDE. Sobre o estudo é revelado o seguinte: Os alunos portugueses estão significativamente abaixo da média dos seus colegas dos países da organização internacional OCDE na aprendizagem da matemática, ficando-se pelo 25º lugar entre 29 nações, revela o estudo PISA 2003¹.

A escolha destas duas áreas disciplinares recai, para além, dos motivos acima apresentados, no facto da disciplina estar, ou não, sujeita a exame nacional. Pois, pretende-se aferir, em que medida, o facto de os alunos estarem sujeitos a um exame nacional (em alguns casos exame específico de acesso ao ensino superior) aumenta dos níveis de stress dos docentes.

Para além do questionário a que aludimos, realizaremos entrevistas a professores que se encontrem no início de carreira (até aos cinco anos de actividade); em meados de carreira (entre os 18 e 22 anos) e a professores em final de carreira (nos últimos cinco anos de actividade). Serão escolhidos professores das áreas de Matemática e Educação Física, que leccionem o 12º ano de escolaridade. Partindo deste pressuposto serão realizadas seis entrevistas, três na área da Matemática e as restantes na área da Educação Física, distribuídas pelas três fases da carreira docente, acima referidas.

Visto relatarmos uma investigação ainda em curso, apresentaremos de seguida alguns resultados preliminares dos questionários que recolhemos.

Resultados:

Foram aplicados 100 questionários, sendo que a taxa de retorno foi de 61%, correspondente a 61 questionários. Os instrumentos foram aplicados a professores das disciplinas de Matemática e Educação Física, de ambos os géneros, de Escolas dos distritos de Braga e Porto.

Dos professores inquiridos, 54% são do sexo feminino.

A amostra é constituída por professores de Matemática (n=31, 50,8%) e de Educação Física (n=30, 49,2%).

| | Frequência | Percentagem | Percentagem Válida | Percentagem Cumulativa |
|-----------------|------------|-------------|-----------------------|---------------------------|
| Matemática | 31 | 50,8 | 50,8 | 50,8 |
| Educação Física | 30 | 49,2 | 49,2 | 100,0 |
| Total | 61 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 1 – Distribuição por disciplina

¹ Jornal de Notícias, 7 de Dezembro de 2004, pág. 12

As idades estão compreendidas entre os 22 e os 64 anos, como ilustra o gráfico a seguir:

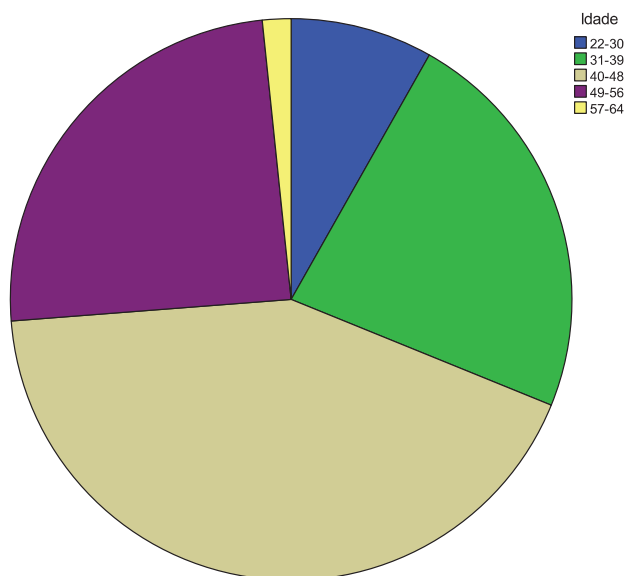


Gráfico 1 – Idades dos professores inquiridos

Quanto ao tempo de serviço os professores encontram-se repartidos por diversos momentos da carreira docente. Na tabela seguinte pode verificar-se essa distribuição do tempo de serviço por disciplina.

| Disciplina | | Frequência | Percentagem | Percentagem Válida | Percentagem Cumulativa |
|-----------------|-------|------------|-------------|--------------------|------------------------|
| Matemática | 0-5 | 1 | 3,2 | 3,2 | 3,2 |
| | 5-10 | 3 | 9,7 | 9,7 | 12,9 |
| | 10-15 | 5 | 16,1 | 16,1 | 29,0 |
| | 15-20 | 9 | 29,0 | 29,0 | 58,1 |
| | 20-25 | 11 | 35,5 | 35,5 | 93,5 |
| | 25-30 | 2 | 6,5 | 6,5 | 100,0 |
| | Total | 31 | 100,0 | 100,0 | |
| Educação Física | 0-5 | 1 | 3,3 | 3,3 | 3,3 |
| | 5-10 | 5 | 16,7 | 16,7 | 20,0 |
| | 10-15 | 5 | 16,7 | 16,7 | 36,7 |
| | 15-20 | 9 | 30,0 | 30,0 | 66,7 |
| | 20-25 | 5 | 16,7 | 16,7 | 83,3 |
| | 25-30 | 4 | 13,3 | 13,3 | 96,7 |
| | >35 | 1 | 3,3 | 3,3 | 100,0 |
| | Total | 30 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 2 – Distribuição do tempo de serviço por disciplina

Com o questionário pretendeu-se medir, também, o nível de satisfação com que os docentes desempenham a sua actividade. Verificou-se que dos professores de Matemática (n=17, 54,8%) desejam ser professores durante todo o percurso profissional. Relativamente aos professores de Educação Física, constata-se que (n=6, 20%) desejam ser professores durante todo o percurso profissional e (n=11, 36,7%) se pudessem gostariam de exercer outra actividade e não a de professor

| Disciplina | | Frequência | Percentagem | Percentagem Válida | Percentagem Cumulativa |
|-----------------|---|------------|-------------|--------------------|------------------------|
| Matemática | Gostaria, para já exercer de exercer a actividade profissional de professor | 14 | 45,2 | 45,2 | 45,2 |
| | Ser professor durante todo o meu percurso profissional | 17 | 54,8 | 54,8 | 100,0 |
| | Total | 31 | 100,0 | 100,0 | |
| Educação Física | Se pudesse gostaria de exercer outra actividade e não a de professor | 11 | 36,7 | 36,7 | 36,7 |
| | Gostaria, para já exercer de exercer a actividade profissional de professor | 13 | 43,3 | 43,3 | 80,0 |
| | Ser professor durante todo o meu percurso profissional | 6 | 20,0 | 20,0 | 100,0 |
| | Total | 30 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 3 – Objectivos profissionais por disciplina

Relativamente ao grau com que desejam continuar a exercer a profissão docente registaram-se as seguintes respostas: dos professores de Matemática (n=14, 45,2%) afirmam que desejam **Muito** continuar a exercer a profissão docente e (n=17, 54,8%) atestam que desejam **Moderadamente**. Comparativamente, dos professores de Educação Física, (n=5, 16,7%) desejam **Pouco** continuar a exercer a profissão docente e (n=18, 60%) desejam **Moderadamente** e (n=7; 23,3%) desejam **Muito**. Conforme se pode verificar no gráfico 2.

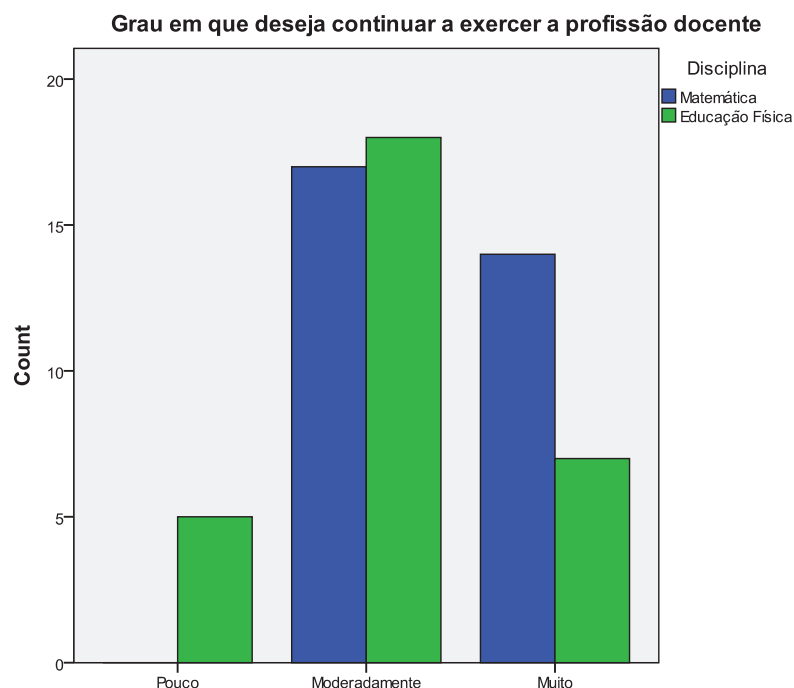


Gráfico 2 - Grau com que desejam continuar a exercer a profissão docente

No que concerne à questão “Dar aulas proporciona-me um sentimento de realização”, numa escala Likert de 7 pontos (1 – Discordo Totalmente a 7 – Concordo Totalmente) verifica-se uma média de 5,56 e um desvio padrão de 1,162.

As respostas a esta questão encontram-se, de acordo com a disciplina, na Tabela 4

| Disciplina | | Frequência | Percentagem | Percentagem Válida | Percentagem cumulativa |
|------------|------------------------|------------|-------------|--------------------|------------------------|
| Matemática | Não concordo nem | 3 | 9,7 | 9,7 | 9,7 |
| | Concordo moderadamente | 11 | 35,5 | 35,5 | 45,2 |
| | Concordo bastante | 11 | 35,5 | 35,5 | 80,6 |
| | Concordo totalmente | 6 | 19,4 | 19,4 | 100,0 |
| | Total | 31 | 100,0 | 100,0 | |
| | Discordo bastante | 2 | 6,7 | 6,7 | 6,7 |

| | | | | |
|------------------------|----|-------|-------|-------|
| Discordo um pouco | 1 | 3,3 | 3,3 | 10,0 |
| Não concordo nem | 10 | 33,3 | 33,3 | 43,3 |
| Concordo moderadamente | 9 | 30,0 | 30,0 | 73,3 |
| Concordo bastante | 7 | 23,3 | 23,3 | 96,7 |
| Concordo totalmente | 1 | 3,3 | 3,3 | 100,0 |
| Total | 30 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 4 – Dar aulas proporciona-me um sentimento de realização

Relativamente aos professores de Matemática confere-se que (n=6, 19,4%) concordam totalmente com a afirmação. Comparativamente os professores de Educação Física apenas (n=1, 3,3%) concordam totalmente.

Conclusões:

Encontrando-nos ainda num momento intermédio da realização do estudo que relatamos, apresentámos uma breve introdução teórica sobre a problemática alvo de análise, e alguns resultados preliminares do questionário aplicado a 61 professores de Matemática e Educação Física do Ensino Secundário.

As conclusões, ainda provisórias, que podemos esboçar, são que de uma forma geral os professores se sentem motivados para a profissão que desempenham, pois maioritariamente desejam continuar a desempenhá-la, sentindo realização e satisfação pessoal. No entanto, e apesar de maioritariamente os docentes se encontrarem motivados, os professores de Educação Física evidenciam menor predisposição e encontram-se menos motivados.

Bibliografia:

Bergamini, C.W.(1997). *Motivação nas organizações*. São Paulo: Atlas.

Esteve, J. M. Prefácio In: Jesus, S. N. *Perspectivas para o bem-estar docente: uma lição de síntese*. Porto: Asa, 2002 (pp. 5-9).

Hargreaves, A. (1998). *Os professores em tempos de mudança. (O trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna)*. Lisboa: Mc Graw – Hill de Portugal.

Jesus, S. N. (1996). *A motivação para a profissão docente. Contributo para a clarificação de situações de mal-estar e para a fundamentação de estratégias de formação de professores*. Aveiro: Estante Editora.

- Lévy-Leboyer, C. (1994). *A crise das motivações*. São Paulo: Editora Atlas, S.A.
- Marujo, H. A., Neto, L. M., & Perloiro, M. F. (1999). *Educar para o optimismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Moreno, J. (1998). Motivação de Professores: estudo de factores motivacionais em professores empenhados. *Revista Portuguesa de Educação, 11*, 87-101.
- Roldão, M. C. (2007). Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista Brasileira de Educação, 12*,(34), p. 94-103.
- Teixeira, M. (1995). *O professor e a escola*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.
- Toffler, A. (1972). *O choque do futuro*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.
- Truch, S. (1980). *Teachers Burnout*. Novato, CA: Academic Therapy Press Publications.
- Vieira, R. (1995). Mentalidades, escola e pedagogia intercultural. *Educação, Sociedade e Culturas, 4*, 127-147.
- Vroom, V. H. (1964). *Work and motivation*. New York: John, Wiley & Sons.